

Conselho de Volcker: Brasil deve confiar em si, antes dos credores

MOISES RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — São os brasileiros que devem confiar e apoiar um programa econômico elaborado por seu governo, em primeiro lugar. Depois, a comunidade financeira mundial. Só assim, com esta base, explicou o presidente do Conselho de Governadores do Federal Reserve Board, Paul A. Volcker, "o Brasil e seus credores terão um grande incentivo para trabalhar juntos e desenvolver acordos de financiamentos externos consistentes com um forte e contínuo crescimento".

Grandalhão Paul Volcker, uma cabeça acima dos repórter que o cercavam no subcomitê de finança internacional e de política monetária do Senado norte-americano, pregou a necessidade de abertura de novos créditos para que todo o sistema bancário não corra o risco de se romper, durante um depoimento que durou duas horas, ontem, dia da chegada do ministro Dilson Funaro aos Estados Unidos.

"Afinal, manter esse clima de sucessivas crises econômicas não pode ser do interesse da própria comunidade bancária", comentou.

Estaria o presidente do Banco Central americano dando as boas vindas ao ministro Funaro? "Não nos iludamos", responde um banqueiro de Nova York. "O processo ainda está na fase de endurecimento. Não chegamos ainda ao ponto de dizer: o pior já passou, podemos relaxar. O Brasil parece aquele time que perde de 5 a 0 — e se levar de 8, ou 10, não terá mais importância".

Volcker começou sua análise da situação da dívida mundial reconhecendo que a paciência é um artigo difícil no estoque de países ricos como os Estados Unidos, num contraponto aos apelos dos países muito endividados e sem nenhum prospecto de crescimento e de estabilidade. E confessou que não concorda com algumas novas e radicais estratégias de abordagem do problema da dívida, citando um exemplo — o do perdão, então, advertiu:

"Há um claro perigo de que acordos adequados de financiamento não estejam sendo negociados e aprovados no momento certo. Países devedores que tenham demonstrado sua intenção e habilidade em executar programas econômicos eficientes precisam ter a confiança de que novos fundos estarão disponíveis".

O presidente do FED passou então a lembrar a recuperação mundial de 1983-84 até o início da queda em 1985, antecipando que, "como as coisas estão, os prospectos não são melhores; e

até mesmo piores, para 87". E lamentou: "Desde 1982, Europa e Japão aumentaram muito pouco suas importações da América Latina".

Num outro momento de seu depoimento, Paul Volcker criticou a pouca atenção dispensada "ao quanto progrediram os países fortemente endividados" de 81-82 até 86: "(...) Para os 15 países mais endividados como um grupo, o PNB real cresceu cerca de 8,8% desde 1983", nos últimos três anos.

Outra área que tem sido "apertada", segundo Paul Volcker é a de investimentos: "Isto realça a necessidade de alguma margem de novos fundos do Exterior para manter o crescimento (...). Tanto o FMI quanto o Banco Mundial representaram aí um papel importante".



Volcker, contra o perdão

A maior mudança estrutural adotada por alguns países devedores, nos últimos dois anos, foi a liberalização das restrições para importação — acrescentou, citando a Nigéria, México, Chile, Colômbia e Equador. E descreveu as últimas negociações para a rolagem de dívidas:

"Novos fundos são necessários para apoiar programas econômicos bem concebidos (...) As informações disponíveis revelam que os novos empréstimos dos bancos comerciais cessaram virtualmente em 1985 e 1986, e que estão abaixo do que previa o secretário (do Tesouro norte-americano) Baker. Paul Volcker considerou que o sucesso das negociações com a Argentina poderá ser um teste:

"Este país está entre aqueles que fizeram progressos substanciais, nos últimos anos, em busca da estabilidade

doméstica e da reabilitação econômica, apesar de sua pesada dependência dos mercados mundiais de grãos. A Argentina tem trabalhado estreitamente com o FMI durante vários anos, e o Banco Mundial está preparado para provê-la com financiamentos adicionais de apoio a reformas setoriais. Mas é claro que a reestruturação de sua dívida vai requerer novos créditos (...) Acordos neste sentido parecem-me obviamente interessar à Argentina e a seus credores, desde que haja uma base de grande confiança em que os objetivos — alguns comuns, outros diferentes — poderão ser alcançados.

Aí, então, Paul Volcker chega a primeira vez ao Brasil — "este maior devedor entre os países em desenvolvimento". É a página 22 de seu discurso. E ele diz:

"O Brasil está hoje numa difícil posição. Depois de um período de forte crescimento interno e de grandes superávits comerciais, sua posição externa decaiu, e o momento de expansão foi interrompido. Nestas circunstâncias, com suas reservas internacionais esvaaziando-se rapidamente, o governo suspendeu o pagamento dos juros da dívida de médio e longo prazos. Com seus enormes recursos humanos e materiais, o Brasil tem o claro potencial de se tornar uma das maiores potências econômicas do mundo, sua força competitiva, vitalidade e adaptabilidade já foram comprovadas várias vezes nos últimos anos".

E adverte que o uso e realização deste potencial "dependem de uma política econômica consistente e eficiente em casa, e de relações financeiras e de comércio fortes e harmoniosas com outros países".

A regularização dos pagamentos externos pelo Brasil "vai requerer um esforço concentrado", acrescentou Volcker:

"O pré-requisito está, evidentemente, nas mãos das autoridades brasileiras: a elaboração de um programa econômico que tenha o apoio e a confiança dos próprios brasileiros e da comunidade internacional. Com esta base, tanto o Brasil como seus credores, oficiais e privados, terão um grande incentivo para trabalhar juntos e desenvolver acordos de financiamentos externos consistentes com um forte e contínuo crescimento".

Em sua conclusão, Volcker recomendou ao subcomitê do Senado que a melhor maneira de abordar o problema "desafiador" da dívida externa dos países do Terceiro Mundo é a de examinar caso a caso, levando em conta as circunstâncias diferentes de cada país.